

## Contribuições de Humberto Maturana para Formação de Professores (as): Repensando Práticas Inclusivas.

*Contribuciones de Humberto Maturana para la Formación de Profesores(as): Repensando Prácticas Inclusivas.*

*Contributions of Humberto Maturana to Teacher Training: Rethinking Inclusive Practices.*

Sandra Maders<sup>1</sup>

Valdo Barcelos<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre o processo educativo escolar, o qual esta permanentemente sendo desafiado em seus pressupostos epistemológicos de produção de conhecimento. Como não poderia deixar de ser, a Formação de Professores (as) está diretamente implicada e transpassada por este processo de “Transição Paradigmática” por que passa a sociedade em geral e a educação em particular. O trabalho pretende fazer uma reflexão sobre as contribuições de alguns pressupostos de Humberto Maturana sobre o descompasso dos processos educacionais, bem como o repensar práticas inclusivas a partir da proposição de que a emoção é o sentimento que orienta nossas atitudes diárias. Este texto resulta de parte de pesquisas realizadas durante o Doutorado em Educação/PPGE/UFSM. Metodologicamente esta pesquisa se caracteriza de forma bibliográfica.

Palavras-chave: Formação de Professores; Humberto Maturana; Emoção; Aprendizagem; Educação Inclusiva.

### Resumen

Este trabajo tiene por finalidad reflexionar sobre el proceso educativo escolar, el cual esta permanentemente siendo desafiado en sus presupuestos epistemológicos de producción de conocimiento. Como no podía dejar de ser, la Formación de Profesores (as) está directamente implicada y traspasada por este proceso de "Transición Paradigmática" por qué pasa la sociedad en general y la educación en particular. El trabajo pretende hacer una reflexión sobre las contribuciones de algunos presupuestos de Humberto Maturana sobre el descompás de los procesos educativos, así como el repensar prácticas inclusivas a partir de la proposición de que la emoción es el sentimiento que orienta nuestras actitudes diarias. Este texto resulta de parte de investigaciones realizadas durante el Doctorado en Educación / PPGE / UFSM. Metodológicamente esta investigación se caracteriza de forma bibliográfica.

Palabras claves: Formación de profesores; Humberto Maturana; la emoción; aprendizaje; Educación Inclusiva.

### Abstract

This paper aims to reflect on the educational process of the school, which is permanently being challenged in its epistemological assumptions of knowledge production. As it could not fail to be, the Teacher Training is directly implicated and pierced by this process of "Paradigmatic Transition" that passes society in general and education in particular. The paper intends to reflect on the contributions of some of Humberto Maturana 's assumptions about the mismatch of educational processes, as well as to rethink inclusive practices from the proposition that

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA; Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Brasil; [sandramaders@unipampa.edu.br](mailto:sandramaders@unipampa.edu.br)

<sup>2</sup> Phd em Antropofagia Cultural Brasileira; Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; [vbarcelos@terra.com.br](mailto:vbarcelos@terra.com.br)

emotion is the feeling that guides our daily attitudes. This text is based on research carried out during the PhD in Education / PPGE / UFSM. Methodologically, this research is characterized in bibliographical form.

Keywords: Teacher Training; Humberto Maturana; Emotion; Learning; Inclusive education.

## 1.Introdução

O artigo pretende fazer uma análise do descompasso entre os processos educacionais com uma visão voltada para concepções de Humberto Maturana<sup>3</sup>, o qual preconiza a EMOÇÃO do amor como o sentimento determinante de nossas atitudes diárias.

A compreensão do atual cenário da cultura, inserida em um mundo progressivamente mais globalizado e informatizado, acaba nos levando às “certezas”. Segundo Maturana, quando há certezas não refletimos e isso faz com que vivamos com medo de abandonar certos fundamentos que se mantêm como verdades absolutas e imutáveis. Ao vivermos na emoção que leva às certezas, deixamos de viver no amor.

As expectativas que se tinha de uma sociedade mais justa e igualitária são cada vez mais incipientes, pois, a experiência tem mostrado que pouco se conseguiu avançar para processos mais integradores na sociedade.

Levando em conta as rápidas transformações por que passa a sociedade contemporânea, e aqui particularmente a educação e a linguagem, é proposta uma configuração superestrutural para a formação de professores, a qual parece ensejar sua adequação às necessidades e características da sociedade atual.

Poder-se-ia afirmar que sob a ótica do pensamento de Boaventura Santos (2000), o social está regulado pelo econômico, pois as ações sociais visam à ordem do caos, impossibilitando assim que o social possa manifestar-se na perspectiva da emancipação.

Como avaliar o processo educativo escolar, o qual está permanentemente sendo desafiado em seus pressupostos epistemológicos de produção de conhecimento? Homens e mulheres na sua relação com a “natureza” constroem uma realidade em constante produção de

---

<sup>3</sup> **Humberto Maturana Romesín**, nascido em 1928, é chileno, começou medicina na Escuela de Medicina de la Universidad de Chile (1948). Transferiu-se para a Inglaterra em 1954, onde continuou estudando medicina. Graduou-se em Biologia, fez seu Ph.D. Harvard (1958). Voltou para o Chile em (1960) onde continua seus estudos em neurobiologia, estudando a visão de pombas e caracterizando a organização dos seres vivos como sistemas autônomos. A partir da sua descrição do sistema nervoso como sistema fechado e da noção da organização autônoma dos seres vivos, começa a desenvolver a *Biología do Conhecer* e a *Biología do Amor*. Junto com Ximena Dávila funda em Santiago, Chile, o Instituto de Formação Matristica, onde desenvolvem a dinâmica da Matriz Biológica e Cultural da Existência Humana. É considerado, mundialmente, como um pensador que rompe com as formas tradicionais de pensar a epistemologia e as relações entre os seres vivos em geral e, em particular, os humanos.

conhecimentos, avanços tecnológicos, estabelecendo, assim, relações com o meio que os cerca, mas, também, por este caminho de evolução ficam as marcas de exclusão (não aceitação do outro), a competição (eliminação do outro), a pobreza e a destruição. Como não poderia deixar de ser a formação de professores está diretamente implicada e transpassada por este processo de “transição paradigmática” (BOA VENTURA SANTOS, 2000; 2004) por que passa a sociedade em geral e a educação em particular.

Percebe-se que hoje a sociedade está voltada muito mais para seu aspecto econômico e financeiro que para as questões humanas, questões que envolvam as relações de afeto e amor. Um estilo de vida caracterizado pela fragilidade dos laços afetivos, pelo embasamento moral, pela falta de referências (fixas) e por uma fluidez presente nos relacionamentos das pessoas em relação a construções diárias de valores. Onde tudo funciona conforme o controle que o próprio sistema vigente cria. Onde as identidades sociais, os valores morais, os padrões e comportamento e a outrora complexa rede de relacionamentos humanos foram totalmente colonizados pela lógica de mercado, a ponto de tornar difícil qualquer resistência ou contestação, já que não existe mais um “lado de fora” de onde se possa criticar o mundo.

Percebe-se que a interioridade das pessoas é desvalorizada, o olhar e o reconhecimento do outro se tornam a única garantia de que existimos de verdade. Daí o medo de ficar ou ser diferente, pois todas as utopias, individuais e coletivas, se baseavam na ilusão da possibilidade de controle do mundo (social, natural e econômico).

Para Maturana (1998, p.22) o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. Pode-se perguntar a partir desta colocação, voltando para o contexto escolar, se os professores se respeitam mutuamente? Indagam pelo seu fazer pedagógico? Em que processo de respeito pelas diferenças estão, os professores, ensinando os educandos? Aceitam o outro como legítimo outro?

Abrangemos uma cultura global, impessoal, e com isso passamos a ser mais ou acreditamos ser racionais e críticos, correndo o risco de nos tornarmos bidimensionais, padronizados, pasteurizados pelo novo saber comum que não dominamos inteiramente, mas aceitamos por ser o “certo”, não valorizamos as emoções. Vivemos na pressa de querer saber quem somos, porém, sem questionar se estamos sendo quem gostaríamos que fossemos.

Ao se falar de emoção, remete-se a ideia do domínio de ações que diariamente estamos tomando. As emoções por ora são trazidas por nós através da linguagem, a qual surge no “estar junto”, na interação com outro, nas relações de carinho, afeto e aceitação. Logo, esta emoção trazida através da linguagem é o amor.

“As relações de amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência” (p.22). Assim, a linguagem não poderia ter surgido nas manifestações de agressão, ainda que a mesma possa ser utilizada para designar atitudes agressivas. Em outras palavras, a linguagem jamais poderia ter surgido na competição, pois “a linguagem como domínio de coordenações consensuais de conduta, só poderia ter surgido na convivência e na operacionalidade da aceitação mútua” (MATURANA, 1998), ou seja, não podemos tomar a linguagem como instrumento de manipulação de símbolos, mas sim no fluir de coordenações de direito, na participação de ambas as partes.

O ser humano não nasce pronto, ele está em constante formação, não só tem a capacidade de aprender a ser, como tem a necessidade de aprender a ser humano, o que só é possível na interação, no relacionamento com os outros humanos, o que se dá através de processos culturais, mediados sempre pela linguagem.

O humano não está determinado na constituição genética total ou na estrutura inicial total do zigoto *Homo sapiens sapiens*. Nem fica determinado no compartilhamento da vida numa comunidade humana (...). O humano surge no entrelaçamento de ambas as dimensões – a genética do *Homo sapiens* e a cultural da sociedade. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.133)

Muitas vezes, queremos definir o ser humano como bom ou mau, ou se ama ou se odeia, como se isso fosse uma questão biológica, como opostos que constituem o ser humano. Porém, pode-se dizer que estas se originam culturalmente nas conversações que se participa.

Podemos dizer que o Amor e o Ódio tem origem cultural e não biológica, e os quais podem ser mudados conforme nossas atitudes, conforme nossa emoção na conversação que se dá através do entrelaçamento da linguagem (conversar) com a emoção (emocionar).

Se os professores tiverem clara essa ideia de que eles próprios precisam se questionar; se o que estão fazendo é de seu desejo, se estar na sala de aula lhe dá prazer? Se as respostas forem positivas, entenderão que é o modo como vivemos o nosso emocionar e nossos desejos que transformaram nosso viver, pois,

Maturana e Verden-Zöller defendem a ideia de que a linguagem surgiu, na história da espécie humana, entrelaçada com o emocionar. Mais do que linguagem como representação, eles abordam a conversação: uma "convivência consensual em coordenações de ações e emoções". Partem do pressuposto de que a emoção é que define a ação. Assim, tomam o ato valorativo como algo que precede a dimensão do necessário. O desejo, portanto, desempenha em nós, papel fundamental. Não dá para pensar uma realidade que se imponha sem o percurso desejante. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 87)

Suas conversações transmitirão sua emoção, logo, se vivemos em redes de conversações e se estas constituem nossa cultura, pode-se entender então que mudando as conversações mudamos nossa cultura, e que se ela se constituir em diálogos de amor e respeito, teremos uma sociedade que respeita o outro como legítimo outro na sua convivência.

Herdamos uma cultura do patriarcado europeu, o qual estabelece uma relação de dominação, autoritarismo e formas desgrenhadas de competição, de eliminação do outro. Quando não respeitamos as diferenças e as diferentes culturas que compõem o núcleo de uma sala de aula, não levamos em conta que as diferenças são biológicas, mas o modo como as vivemos são culturais. E se não respeitarmos e aceitarmos o outro como legítimo outro, negamos um fundamento de igualdade em nosso ser biológico cultural.

Precisamos ter um "descompasso" entre os atuais métodos de ensino que supostamente incorporam "conceitos modernos da pedagogia"— e suas práticas correntes de avaliação, nas quais "ainda impera o modelo desenvolvido pelos jesuítas no século 16"

Ao invés de querer mudar as diferenças, porque não aceitá-las? A aprendizagem se dá independentemente do método utilizado pelos professores. A aprendizagem se incorpora ao nosso viver, através das relações que estabelecemos com os outros em nossa convivência. O professor dentro da sala de aula se torna um mediador de domínios de relações dentro desse espaço relacional de convivência.

Para o construtivismo, a aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo constrói o conhecimento. Isso significa que o indivíduo é um agente ativo de sua aprendizagem que resulta em sua própria transformação como indivíduo; ele não transfere o conhecimento externo para sua memória, mas, sim, ele cria interpretações do mundo baseadas em sua experiência anterior e suas inter-relações com outras pessoas. Condições externas favoráveis, criadas no ambiente de aprendizagem, facilitam o processo.

## 2. Para que educar?

Educar para o respeito às diversidades. Uma educação que **deseja** conhecer e aceitar o outro como legítimo outro na sua existência, sem submissão, sem competição. Como professores, necessitamos respeitar e valorizar as diferenças, valorizar o saber que as crianças trazem na sua bagagem cultural, direcionando nossas aulas para um saber fazer que tenha relação com seu cotidiano, no respeito pelo outro. Para Maturana,

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço da convivência. (MATURANA, 1998, p. 29)

Assim, se a educação acontecer num espaço de amorosidade, onde o emocionar esteja interligado ao fazer pedagógico, nossas aulas fluirão na liberdade de escolhas e reflexões sobre o que queremos e podemos, sobre o que somos e sobre as coisas que nos sucedem. Nessa valorização de experiências, os professores entenderão melhor o prazer da convivência, da ternura e do cuidado com os outros. Neste sentido, Maturana afirma:

“a sexualidade humana é um aspecto do viver relacional, corporal e espiritual... Constituem também uma coexistência amorosa e estética, num modo de conviver no qual o cuidado com as crianças pode surgir como um prazer sensual e espiritual, quando se leva a vida como uma escolha e não como um dever.” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.16).

Assim, a formação de professores está intimamente interligada no pensar do fazer pedagógico, partindo do pressuposto básico de que um observador determina as diferenciações de elementos, de seus movimentos entre elementos em certo domínio de realidade que vai estar, necessariamente, constituído dentro da linguagem.

Ao se falar de emoção, remete-se a ideia do domínio de ações que diariamente estamos tomando. As emoções por ora são trazidas por nós através da linguagem, a qual surge no “estar junto”, na interação com outro, nas relações de carinho, afeto e aceitação. Logo, esta emoção trazida através da linguagem é o amor.

É a emoção a partir da qual se faz ou se recebe um certo fazer que o transforma numa outra ação, ou que o qualifica como um comportamento dessa ou daquela classe. Nós humanos existimos na linguagem, e todo o ser e todos os afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar – resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar. A existência humana faz com que qualquer ocupação humana aconteça como uma rede específica de conversações. Esta é definida em sua especificidade pelo emocionar, que por sua vez define as ações que nela se coordenam (MATURANA, 2004, p.98).

Maturana nos traz uma nova concepção de linguagem, transforma o substantivo em verbo: linguajar. Uma linguagem em ação coordenada recursivamente e consensualmente.

Dentro dessa concepção não há transmissão de informação, o sujeito não recebe a informação de fora, ele cria a informação a partir de si mesmo e da perturbação (estimulação) do meio em que vive. Nas palavras de Humberto Maturana (1998, p.23) o educar se constitui

no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro no espaço da convivência. Para esse autor uma criança que cresce no respeito por si mesma, pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se o desejar. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem apenas formar. Educar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 2007, p. 22-23).

Maturana sustenta que todo o viver humano ocorre em redes de conversações. Enfatizando o linguajar sustentado no emocionar, desvela como pode ser mudado o curso da cadeia subsequente. A história da humanidade seguiu e segue os passos do emocionar, dos desejos e não de recursos disponíveis, das oportunidades, ideias, valores, símbolos. Todos esses tem significação a partir de sua aceitação, de como são conotados emocionalmente. É o emocionar que os tornam orientadores do nosso viver.

Continua Maturana sua defesa do amor como princípio de aprendizagem para a socialização afirmando que

O amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após circunstâncias de restrições existenciais que forcem interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre (MATURANA, 1997, p.185).

No entanto, existem muitas dificuldades e interditos que tornam árduas e, às vezes, inviabilizam uma aceitação pacífica e menos traumática de tal proposição defendida até o momento. Ciente disso Maturana não espera uma adesão instantânea, e, muito menos massiva, a essas ideias. Não vou aqui declinar de toda uma gama de aspectos históricos, científicos e culturais que têm impedido uma reforma em nossas estruturas de pensar (MORIN, 1991) de maneira geral e, em particular no pensar educativo. Como forma de fazer justiça com o autor, e com suas ideias que estamos aqui trazendo, vamos apresentar duas justificativas que o mesmo apresenta para a resistência e dificuldade de aceitação de sua proposição do amor como um princípio epistemológico para a construção do conhecimento.

***O primeiro é que:***

- Queremos que o amor seja algo especial, e dizer que ele é um fenômeno biológico, uma mera congruência estrutural que resulta na recorrência de interações, não é agradável, destrói um mito. O amor não é um fenômeno especial do ser humano, mas em humanos ele pode se dar em algumas poucas dimensões, como a envolvida na simples coexistência do viajar juntos, em um trem, em respeito mútuo; ou pode se dar em muitas dimensões como quando duas pessoas vivem juntas, como um casal que se ama; ou pode mesmo se dar nas dimensões peculiares de coexistência como a de alguém que tem um animal de estimação. O que é especialmente humano no amor não é o amor, mas o que fazemos no amor enquanto humanos;

*O segundo é que:*

- Queremos que o amor seja uma consequência da socialização, não sua fonte, porque nós queremos que as relações que destroem o amor, como a competição, sejam relações sociais legítimas. A competição é antissocial. A competição, como uma atividade humana, implica na negação do outro, fechando seu domínio de existência no domínio da competição. A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição gera cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade, reduzindo as circunstâncias de coexistência. A origem antropológica do Homo Sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor.

Percebemos, mesmo em uma rápida reflexão sobre ideias e conceitos tão complexos, uma das grandes dificuldades para reestruturarmos nossa maneira de ser e estar no mundo é, justamente, a resistência em reformular a nossa estruturação rígida e dicotômica de pensar e agir hegemônica do processo educativo até então praticado em nossa cultura. Um processo educativo em que a capacidade de aprender ficou reduzida à dimensão de nossa racionalidade. Desconsiderando, e em alguns casos até mesmo negando, as demais dimensões e potencialidades de nosso organismo bio-psico-antropológico-cultural e social.

Ao ser dada uma hegemonia quase total ao racional criam-se as condições ecológicas para o desenvolvimento de uma relação, ao fim e ao cabo, antissocial. Negamos, com a supremacia da razão, a possibilidade daquilo que nos faz seres humanos: a nossa maneira

particular e especial de viver juntos numa *conversação* que nos faz seres sociais capazes de criar espaços de coexistência solidária e amorosa através de um linguajar comum.

Não por acaso vivemos um momento da civilização onde se reclama tanto das tiranias, das injustiças sociais, econômicas, ideológicas, das catástrofes ecológicas que estão a colocar em risco não apenas a sobrevivência da espécie humana, mas sim, de todo o planeta terra. Ao refletir sobre a possibilidade da barbárie planetária, Maturana (1995 p.15) faz uma inquietante pergunta a todos e todas àquelas pessoas que ainda acreditam que a educação, através de seus processos de instituição da pessoa tem alguma contribuição a dar. O autor nos deixa a seguinte e desafiadora questão: se

Não nascemos nem amando nem odiando ninguém em particular. Como então aprendemos isso? Como o ser humano é capaz de odiar com tanta virulência, a ponto de destruir os outros, mesmo à custa de sua própria destruição na tentativa? Ele começa a aprender isso já na sua própria família?

A resposta que temos, para estas indagações, não vai reproduzir aqui, entre outros motivos, pelo fato de que acreditamos serem muito parecidas com a dos demais que se propuserem a responder. Apenas queremos acrescentar mais duas questões a estas postas pelo autor:

- Qual é o primeiro grupo social organizado com o qual todo ser humano estabelece suas primeiras relações de conversação? Respondemos: a família. É nela que as primeiras aprendizagens acontecem;
- Qual é o segundo grupo social que a criança conhece tão logo começa o processo educativo dito escolar? Respondemos: a escola onde irá participar da educação infantil.

Desnecessário seria dizer que nestes dois espaços a criança encontra, prioritariamente, para se relacionar, pessoas adultas. Na família o pai e a mãe, depois os irmãos mais velhos se eles existirem. Na escola irá, certamente, conviver com outras crianças, no entanto, quem organiza este espaço de convivência serão os educadores, no caso pessoas também adultos. Trazemos, novamente, para a cena o que já foi aqui apresentado das ideias de Humberto Maturana (2002), quando ele costuma dizer que uma criança que cresce no respeito *por si mesma*, e num ambiente de cooperação, acolhimento e amorosidade, será capaz de aprender qualquer coisa e adquirir todas as habilidades e competências que desejar quando adulta. Seu aprendizado será tão mais facilitado quanto mais de amor e de acolhimento for seu ambiente de coexistência. Não nos esqueçamos que as crianças não nascem nem amando nem odiando

ninguém. Elas vão amar ou odiar na mesma medida, e proporção, em que forem amadas ou odiadas.

### 3. Conclusões

Acreditamos, assim, que o mundo será mais ou menos violento quanto mais violentas forem as relações estabelecidas na infância por nossas crianças. Há que tratá-las com amor, cuidado, acolhimento, respeito e, acima de tudo, pensar com muito carinho sobre nossas práticas educativas. Práticas, essas, muito condicionadas pelo que é entendido como processo de aprendizagem, bem como, o que com ele queremos. Só há uma maneira das crianças aprenderem a cuidar mais deste planeta: é aprendendo a cuidar, também, de si. Sem cuidado de si, dificilmente, haverá cuidado do outro. Para encerrar este tópico e me encaminhar para algumas de minhas considerações finais deixo uma última reflexão: *tratar as crianças com amor é o melhor legado de aprendizado que poderemos lhes deixar.*

Portanto, se a educação acontecer num espaço de amorosidade, onde o emocionar do cuidado e da escuta do outro, estejam interligados ao fazer pedagógico, nossas práticas pedagógicas fluirão na liberdade de escolhas e reflexões sobre o que queremos e podemos sobre o que somos e sobre as coisas que nos sucedem. Nessa valorização de experiências, os (as) professores (as) entenderão melhor o prazer da convivência, da ternura e do cuidado com os outros, em especial com os (as) educandos(as).

Acreditamos que desta relação de escuta e de cuidado com o outro, teremos grandes possibilidades de ver acontecer um processo de inclusão que não se restrinja apenas a formalidade da legislação e ao desejo generoso de justiça, mas, sim, que aconteça realmente no fluir do viver no cotidiano escolar.

Com isto estamos exercitando, e vivenciando, o fato de que o humano não nasce pronto, ele está em constante formação, não só tem a capacidade de aprender a ser, como tem a necessidade de aprender a ser humano. Isto só é possível na interação e no relacionamento com os outros mediados pela linguagem e pelo diálogo. Este processo, de mediação dialógica, se constituirá em solo fértil para a inclusão quando tivermos uma ação pedagógica que se pautar, fundamentalmente, na escuta sensível do outro e no cuidado para com suas especificidades de cada um.

## Referências

- MATURANA, H.; Reflexões sobre o amor. In: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). *A ontologia da realidade* Belo Horizonte. UFMG, 1997.
- MATURANA, H. R. & VARELA, F. G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas, SP: Workshopsy, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte. UFMG, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte. UFMG, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Da biologia à psicologia*. Porto Alegre. ARTES MÉDICAS, 1998.
- MATURANA, R.M.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar – fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo. Palas Athena, 2004.
- MATURANA, H.R.; VARELA, F. *De máquinas e seres vivos – Autopoiese – a organização dos seres vivos*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte. UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. H.; REZEPEKA, N. S. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis. Vozes, 2002.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa. Instituto Piaget, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um Novo Senso Comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. (A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência). São Paulo: Cortez, Vol. 1, 2000.